

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Elaine Marcia Monteiro

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO TRABALHO COM A  
LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

Belo Horizonte

2015

Elaine Marcia Monteiro

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO TRABALHO COM A  
LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e Gênero pelo curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo  
Ednilson de Jesus

Belo Horizonte

2015

Elaine Marcia Monteiro

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO TRABALHO COM A  
LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e Gênero pelo curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo  
Ednilson de Jesus

Aprovado em 09 de maio de 2015

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus - Faculdade de Educação da UFMG

---

Nome do Convidado – Fernanda Silva de Oliveira

## RESUMO

A proposta deste plano de ação foi dar visibilidade às questões étnico-raciais no espaço da biblioteca com a divulgação do acervo de literatura afro-brasileira. O objetivo principal foi trabalhar a autoestima dos (as) alunos (as) negros (as) da Escola Municipal Anne Frank, promovendo estratégias para a discussão das relações étnico-raciais, tendo como referência a lei 10.639/03 que torna obrigatória a inclusão do ensino da história da África e das culturas afro-brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino público e particulares da Educação Básica. As ações iniciaram no mês de agosto com a preparação para a Semana do Livro Aberto, um evento que faz parte do calendário da escola. Foram desenvolvidas na biblioteca oficinas durante o recreio. Os livros foram selecionados, tendo a preocupação de romper com os estereótipos explícitos em alguns livros de literatura dando destaque aos livros de literatura afro-brasileira apresentando histórias positivas e que contribuísse para a construção da identidade racial de cada participante das oficinas. Como resultado tivemos a 1º Mostra de literatura afro-brasileira, encontro com a escritora Madu Costa, contação de história, apresentação de capoeira e exposição dos trabalhos dos estudantes.

**Palavra-chave:** Literatura afro-brasileira. Identidade racial. Biblioteca

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 LITERATURA ORAL E ESCRITA.....</b>	<b>11</b>
2.1 Os Griots .....	11
2.2 Representação dos (as) negros (as) na literatura.....	12
2.3 Literatura Negra e Literatura afro-brasileira.....	13
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
3.1 Procedimentos e Sujeitos envolvidos.....	18
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>26</b>
4.1 A Semana do Livro Aberto .....	26
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>31</b>
<b>7 ANEXO .....</b>	<b>33</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda uma intervenção desenvolvida na biblioteca da Escola Municipal Anne Frank, situada no Bairro Confisco (Regional Pampulha), no período de agosto a novembro de 2014. O plano de ação tem como objetivo principal trabalhar a autoestima dos (as) estudantes negros (as) a partir da literatura afro-brasileira, promovendo estratégias para a discussão das Relações Étnico-Raciais tendo como referência a lei 10.639/03. Como objetivo específico pretende conscientizar os professores e estudantes sobre a importância dos livros que tenham a temática étnico-racial, dar visibilidade ao acervo da biblioteca, incentivar a leitura dos livros do Kit afro-brasileiro e Conhecer a história da África através dos livros divulgados.

Os estudantes da escola são estimulados refletir sobre temas relevantes como diversidade étnica e cultural, justiça, igualdade, respeito e direitos humanos com o projeto “Anne Frank Viva” tendo como referência o livro: O Diário de Anne Frank. Atuando como Auxiliar de Biblioteca, recebo todos os dias vários estudantes do 6º ao 9º ano e EJA, que frequentam a biblioteca durante o recreio para fazerem empréstimos e leitura de livros e revistas. De acordo com as observações feitas durante os quatro anos trabalhando na escola, senti necessidade de saber a opinião dos estudantes e professores sobre sua identificação com a judia Anne Frank. Procurei saber quem havia lido o livro: O Diário de Anne Frank. Fiz algumas perguntas: Você se identifica com Anne Frank? A história da vida de Anne Frank se parece com a sua história? Qual é a mensagem que Anne Frank deixa pra você? Fiz essas perguntas, porque o projeto incentiva os estudantes se identificarem com Anne Frank com a leitura de seu diário.

Apesar, das propostas do Projeto “Anne Frank viva”, ser bem executada por alguns profissionais da escola, percebe-se pouco interesse por outros, que discordam por dizerem que o projeto não faz parte da realidade da escola. Como o projeto é trabalhado todos os anos, os estudantes são incentivados a fazerem leitura de outros livros que sejam “Diário”, mas na realidade, não há personagens negros nos livros sugeridos. O não reconhecimento de si na leitura dos livros propostos pelo projeto da escola, também gera nos estudantes um sentimento de inferioridade, rejeição de seu pertencimento racial e de seus colegas. Há entre os

estudantes brigas referentes à cor da pele e apelidos. Muitos se recusam falar sobre o assunto e os livros de literatura afro-brasileira ficam esquecidos nas estantes da biblioteca. Diante das situações de conflitos entre os estudantes, percebe-se que a questão racial é realizada entre os professores de forma desarticulada e por outros nem são trabalhados, sendo restritos às aulas de História, em algumas turmas do 1º e 2º ciclos e na Escola Integrada com atividades de capoeira, valorização das estudantes negras, por meio de projetos de curta duração, através de festas e datas comemorativas. Alguns professores às vezes silenciam diante de conflitos, não sabendo como lidar com estas questões. Outros tentam trabalhar a temática racial, mas não sabem como desenvolver as atividades no cotidiano da escola.

Trabalhando como mediadora de leitura, fui solicitada pela Coordenadora da EJA, que revelou não conhecer a lei 10.639/03 que torna obrigatória a inclusão do ensino da história da África e das culturas afro-brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino público e particulares da educação básica e os livros do Kit de Literatura afro-brasileira que fazem parte do acervo da Biblioteca. Esse desconhecimento também é confirmado por alguns professores. Esse fato também contribui para a naturalização dos conflitos e desvalorização das origens dos estudantes afrodescendentes da escola.

Foi pensando nessas questões que encontrei motivação e busquei com a Literatura afro-brasileira discutir as relações étnico-raciais a partir das histórias que traziam abordagem afirmativa, valorizando e dando visibilidade ao negro e sua cultura nos textos literários. Sabe-se que, os livros didáticos também apresentam a África associada a aspectos negativos: doenças, fome, violência e à escravidão no Brasil. Segundo Silva:

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamento de auto rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações. (SILVA, 2005, p.22).

Com intuito de reverter imagens negativas dos livros de literatura afro-brasileira, foram selecionados alguns livros que fazem parte do acervo da biblioteca, para que o plano de ação seja desenvolvido elevando a autoestima dos (as) estudantes negros (as), dando a eles oportunidades de reconhecer suas raízes africanas com uma história que seja contada de maneira positiva, privilegiando o desenvolvimento de suas potencialidades. Resgatando essa História com a literatura afro-brasileira, espera-se que os estudantes tenham orgulho de pertencer a ela construindo no cotidiano, identidade positiva em relação à cultura africana.

Percebe-se a falta de interesse dos estudantes pelos livros de literatura afro-brasileira. Os motivos relatados pelos estudantes seriam que os livros do Kit de literatura afro-brasileira apresentam ilustrações feias, os negros de alguns livros aparecem como figuras caricaturadas, não despertando neles o interesse pelo conteúdo. Esses traços caricaturados contribuem para que os estudantes não se identifiquem com os personagens negros, criando uma resistência à literatura afro-brasileira. Na literatura infanto-juvenil a ilustração é um elemento fundamental.

Além de aproximar a literatura afro-brasileira dos estudantes e professores, o plano de ação pretende também, fazer com que a lei 10.639/03 seja divulgada, visando uma reflexão crítica que dialogue com diversos saberes para a construção de uma educação antirracista, capaz de desmistificar o “Mito da Democracia Racial” que é bem presente na EMAFK. Essa constatação se faz óbvia na fala de alguns professores, que negam a existência de racismo na escola, afirmando que não é necessário trabalhar as relações raciais, porque a violência e os problemas recorrentes na escola é resultado de situações vivenciadas no cotidiano familiar. Afirmam também que a escola já tem muitos projetos e que trabalhar a questão racial significa incluir mais um projeto, prejudicando a rotina de suas aulas. Gomes diz que:

Ainda encontramos muitos (as) educadores (as) que pensam que discutir sobre relações raciais não é tarefa da educação. É um dever dos militantes políticos, dos sociólogos e antropólogos. Tal argumento demonstra uma total incompreensão sobre a formação histórica e cultural da sociedade brasileira. E, ainda mais, essa afirmação traz de maneira implícita a ideia de que não é da competência da escola discutir sobre temáticas que fazem parte do nosso complexo processo de formação humana. Demonstra, também, a crença de que a função da escola está reduzida à transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, como se pudessem ser trabalhados de maneira desvinculada da realidade social brasileira. (GOMES, 2005, p.146).

Vale ressaltar que a Escola Municipal Anne Frank, desenvolveu até 2006 um trabalho efetivo tendo como objetivo a valorização da cultura negra na escola e na comunidade, com o projeto “África em Nós”. Esse projeto fortaleceu as lutas contra a discriminação racial, social e econômica da comunidade do bairro Confisco. A história das conquistas da comunidade é lembrada por vários pais de estudantes da escola quando dizem da importância da luta pela construção da cidadania. O projeto elevou a autoestima não só dos estudantes, mas de seus familiares que vieram de um movimento por moradia. É visível o progresso do bairro. A escola é muito valorizada pelos os antigos moradores, pois sabem que ela teve uma grande participação nas conquistas da comunidade. De acordo com o projeto “África em nós”:

Os projetos sobre questão racial, desenvolvidos a partir de 1993, inauguram novas perspectivas de trabalho com seu alunado negro. O Projeto de Consciência Negra oportunizou

o aluno a perceber que o povo brasileiro é afrodescendente, trazendo o valor de Zumbi, de suas lutas para a História. Já em 1995/1996 o trabalho realizado sobre relações étnico-raciais através das produções de textos sobre racismo, possibilitou a formação de novas atitudes em relação ao preconceito existente no Brasil. O Projeto de Identidade Cultural, em 1997, suscitou a preocupação de se ter um novo olhar para o aluno negro. Neste mesmo ano, iniciou-se a sistematização do trabalho com as relações étnico-raciais.

O processo de formação de professores também se inseriu nessa proposta. Neste período aconteceram várias palestras com acadêmicos e estudiosos desta temática, ligados ao Movimento Negro. Em 1998, dando continuidade a este processo, realizou-se o primeiro Café Cultural da Abolição: encontro temático, objetivando oferecer aos professores subsídios teórico-prático, com apresentação de materiais variados sobre a cultura afro-brasileira e africana e comidas típicas de degustação.

Dentro desta perspectiva foi organizada em 1999 uma oficina de grafismo, onde os alunos adolescentes puderam exercitar e desenvolver sua expressão e criatividade, além de um aprofundamento teórico no movimento Hip-Hop. Esta oficina posteriormente passa a fazer parte do Projeto Guernica, uma iniciativa da PBH que garantia aos jovens da comunidade do bairro Confisco a oportunidade de expressão de suas próprias culturas como o Hip-Hop (grafite, rap e break) e quadrinhos. Esta perspectiva de fusão abriu para estes jovens as possibilidades de reconhecimento de suas potencialidades, de afirmação de suas identidades étnicas e culturais. No biênio de 2004/2006, através do Projeto África em Nós, organiza-se uma metodologia para sistematizar em sua matriz curricular o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana, propondo a instrumentalização do alunado negro para que sejam sujeito de sua própria história, enfrentado criticamente os desafios que lhe são apresentados. (Projeto Político Pedagógico, 2008, 121p.).

Os estudantes da Escola Municipal Anne Frank são moradores de diversos bairros próximos, tais como: Confisco, Estrela D'alva, Vila Mariana, Tijuca, Nova Pampulha. A escola fica em uma área limítrofe entre os municípios de Belo Horizonte e Contagem, sendo que a maioria dos alunos mora em Contagem. Muitas crianças e adolescentes vivem em uma situação de risco social. Esta realidade difícil, porém não paralisa moradores e moradoras que, ao contrário, têm uma história de lutas e conquistas no campo social. O bairro recebeu o nome de Confisco devido a suas terras ter sido confiscada em barracas de lona no entorno da igreja

São José. Posteriormente, outras famílias advindas do município de Contagem vieram para a mesma região.

O registro dessa experiência foi organizado em capítulos, sendo que a presente introdução faz parte do capítulo 1. O capítulo 2 apresenta a literatura oral dando destaque à influência dos povos africanos, na literatura escrita fala sobre a representação dos (as) personagens negros (as) na literatura e por fim conceitua as expressões literatura negra e literatura afro-brasileira. Nesse capítulo foram citados LIMA (2005), MACHADO (2006), FONSECA (2006), JOVINO (2006), FELISBERTO (2006), PESSANHA (2013) e DUARTE (2014).

No capítulo 3, foi apresentada a metodologia com a divulgação da lei 10.639/03 para os (as) professores (as) e divulgação dos livros de literatura afro-brasileira, confecção de cartazes, murais, leitura de livros, poesias, biografia de autores (as) negros (as) durante as oficinas na biblioteca.

No capítulo 4, apresenta os resultados na Semana do Livro Aberto com apresentação dos trabalhos dos alunos dando destaque a 1º Mostra de Literatura Afro-brasileira na biblioteca e o encontro com a escritora Madu Costa.

No capítulo 5, tecemos algumas considerações, apontando os desafios e possibilidades para a aplicação da lei 10.639/03 na Escola Municipal Anne Frank e o trabalho com a literatura afro-brasileira.

## 2 LITERATURA ORAL E ESCRITA

### 2.1 OS GRIOTS

Na África, a palavra tem um papel muito importante que é desempenhado pelos contadores de histórias – Griot ou Griota. Os Griots (as) têm o ofício de ensinar a memória ao seu povo e acumulam séculos de costumes, crenças, segredos, lendas, contos e lições de vida. As culturas africanas e afro-brasileiras garantem também na escrita, histórias que são classificadas como lendas, contos, fábulas, canções, etc. É imprescindível saber que o alicerce de todas as histórias guarda recordação na tradição oral. Machado diz que:

O contador de história, nessa tradição, é um mestre, um iniciador da criança, do jovem e até do adulto. Trata-se de uma iniciação para a vida. As histórias míticas são contadas e recontadas e funcionam como mapas que encaminham os sujeitos nas suas possibilidades de convivência, sem prescrever conselhos, fazendo valer o arbítrio e o jeito de ser de cada um. Ou seja, os conhecimentos produzidos nessas culturas e seu aprendizado sempre podem favorecer a convivência ou uma utilização prática. A memória das antigas sociedades africanas se apoiava na transmissão continuada de histórias, contendo conhecimentos, princípios e valores que preservavam, entre outros, o sentido agregador enquanto família e vinculação à terra. Portanto, o ato de lembrar está na essência das tradições que sustentam a organização comunitária e formas de governar nessas sociedades. Assim, a comunidade, no que se lembra e pela forma como se lembra, reverencia os seus ancestrais, conservando os valores de convivência que estão na memória como um “jeito de ser”, “pertencer” e “participar”.(MACHADO, 2006, p.79 e 80).

A história e a memória de vários povos africanos permanecem como parte de nossa cultura, sendo expressa na literatura oral e escrita. No Brasil, a tradição oral e escrita recebe influência dos africanos que vieram e aqui foram escravizados. Eles são responsáveis por recriar a memória de seus antepassados. Para a cultura africana, as palavras tem um poder de luta:

A expressão oral em todas as suas possibilidades é uma força a ser potencializada, vivenciada num projeto que propõe valorizar a cultura africana e afro-brasileira. O oral não como negação da escrita, mas como afirmação de independência, de autonomia relacional, de comunicação, de contato. A oralidade nos associa ao nosso corpo: nossa voz, nosso som faz parte do nosso repertório de expressão corporal; nossa memória registra e recria nosso repertório corporal-cultural; nossa musicalidade confere ritmo próprio, singularidade à nossa corporeidade, está marcada pelo nosso pertencimento a um grupo, a uma ou várias comunidade, na medida em que, para nos comunicar com o outro, precisamos ser reconhecidos por ele estar em interação, em diálogo com ele. (Saberes e Fazer. V.3, p. 35 e 36).

Apesar da oralidade sempre ter sido uma marca de identificação e resistência da população negra no Brasil, “Dominar esta técnica, porém, não significa ter autonomia em uma sociedade na qual o poder estava na forma como o pensamento era apreendido, no papel, através da escrita”. (FELISBERTO, 2006, p.73).

## 2.2 REPRESENTAÇÃO DOS (AS) NEGROS (AS) NA LITERATURA

Durante séculos predominou nas narrativas literárias um modelo a se seguir, em que as personagens brancas eram apresentadas como padrão de poder sobre os negros. Esse modelo eurocêntrico foi quase que exclusivo. As várias tentativas de fragmentar a identidade negra contribuíram para a não alfabetização e a exclusão dos negros do mundo literário, levando à constituição de uma identidade negativa. Pessanha ressalta que:

A omissão sistemática das camadas socialmente desfavorecidas como portadoras de um discurso próprio têm profundas implicações ideológicas. Assim, o pobre, o negro e a mulher quase sempre foram vistos de maneira adversa, subalterna ou de falsa comiseração. Suas vozes não tinham ressonância nas elites letradas, nas antologias e nos currículos escolares. Como inseri-las, então nessa cultura literária lacunar, na qual só os autores e obras consideradas canônicas tinham o direito de serem lidos e analisados? (PESSANHA, 2013, p.282).

Sendo assim, “A inclusão da letra e do papel na vida desse grupo altera, também, o espaço social, já que de ouvinte e/ou contador está diretamente ligada à ideia de grupo; já a leitura e/ou escrita, na maioria das vezes, são viagens solitárias”. (FELISBERTO, 2006, p.73).

Nos fins do século XIX e início do século XX, surge a literatura para o público infantil, mas os personagens negros aparecem só, a partir da década de 20 e início do século de 30. Na história da literatura brasileira o negro aparece em algumas obras literárias, como um ser submisso, escravizado, além de ser destacado com roupas estereotipadas e dotado de uma linguagem estranha, incapaz de compreender a linguagem do branco. “Fala-se sobre ele, de sua vida, de seus costumes sob o enfoque do olhar branco europeu. É sempre objeto e nunca sujeito da narração de grande parte dos ficcionistas brasileiros”. (PESSANHA, 2003, p.149). Essa afirmação também é feita por Lima que diz:

Geralmente, quando personagens negros entram nas histórias aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedores da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade negra passou. Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se, assim, uma inferiorização datada. A eficácia dessa mensagem, especialmente na formatação brasileira, parece auxiliar no prolongamento de uma dominação social real. O modelo repetido marca a população como perdedora e atrapalha uma ampliação dos papéis sociais pela proximidade com essa caracterização, que embrulha noções de atraso. (LIMA, 2005, p. 103).

Referindo às personagens femininas, há três momentos de representação que podemos citar: No primeiro momento, início do século XX como afirma Jovino:

Na maioria dos textos infantis publicados até a década de 30, a personagem feminina negra é invariavelmente representada como a empregada doméstica, retratada com

um lenço na cabeça, um avental cobrindo o corpo gordo: a eterna cozinheira e babá. Como empregada de uma família branca, passa a maior parte do tempo confinada em uma cozinha. (JOVINO, 2006, p.188).

No segundo momento, a partir de 1975, as personagens são representadas com características de traços brancos e são passivas na maioria das vezes quando enfrentam situações de discriminação social e racial. Na década de 80, já podem ser encontradas personagens negras resgatando sua identidade racial, desempenhando várias funções sociais e “valorizando as mitologias e as religiões de matriz africana, rompendo, assim, com o modelo de desqualificação presente nas narrativas dos períodos anteriores”. (JOVINO, 2006, p.189).

No terceiro momento que seria a literatura infanto-juvenil contemporânea, surge uma mudança significativa. As personagens negras passam a serem personagens principais, são representadas com ilustrações sem estereótipos como o lenço e o avental. Jovino diz que:

Nas narrativas aparecem e passam por faixas etárias diferentes: crianças, adolescentes, mulheres negras. Um outro traço relevante é a ênfase na importância da figura da avó e da mãe na vida das personagens. Podemos notar uma valorização de um outro tipo de beleza e estética, diferentemente do segundo período em que se valorizava a beleza com traços brancos. As personagens negras são representadas com tranças de estilo africano, penteados e trajes variados. (JOVINO, 2006, p.189).

## 2.3 LITERATURA NEGRA E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A literatura de tema negro segundo Pessanha (2013) torna-se importante a partir do século XIX, como parte necessária da sociedade que sofreu com a escravidão. No século XX, o interesse pelo tema na Europa foi com o etnólogo alemão Leo Frobenius, que realizou viagens à África e publicou estudos sobre a cultura africana a partir de 1904.

As discussões em torno da expressão Literatura negra e Literatura afro-brasileira apresenta situações contraditórias entre os escritores que se assumem como negros. Alguns escritores defendem que seja mantida essa expressão, pois buscam dar visibilidade a sua produção, outros acham que sua produção artística não precisa estar associada ao seu pertencimento racial. Para Fonseca (2006, p.13), “essas discussões tem grande importância para que todos possam compreender os mecanismos de exclusão legitimados pela sociedade”. Sendo assim, afirma que:

Numa opinião contrária, outros teóricos reconhecem que a particularização é necessária, pois quando se adota o uso de termos abrangentes, os complexos conflitos de uma dada cultura ficam aparentemente nivelados e acabam sendo minimizados. Nessa lógica, o uso da expressão “literatura brasileira” para designar todas as formas literárias produzidas no Brasil não conseguiria responder à questão: por que grande parte dos escritores negros ou afro-descendentes não é conhecida dos

leitores e os seus textos não fazem parte da rotina escolar? Neste sentido, é importante ressaltar que o poder de escolha está nas mãos de grupos sociais privilegiados e/ou especialistas — os críticos. São eles que acabam por decidir que autores devem ser lidos e que textos devem fazer parte dos programas escolares de literatura. Por isso, vale a pena aprofundar um pouco mais a discussão sobre a dificuldade de nomeação da arte e da literatura produzida por autores não “eleitos” pela crítica. (FONSECA. 2006, p.12).

Falar de uma literatura negra é referir a escritores que se afirmam como negro. Reconhece o passado histórico de seus ancestrais e apresenta um modo de ver e sentir o mundo, valorizando a cultura negra. Nesse sentido, o escritor negro torna-se sujeito de seu discurso. Ele deixa de ser objeto para se tornar protagonista de sua história, tomando posse de sua fala. Pessanha afirma que:

Ao falarmos, portanto, de literatura negra, estamos nos referindo à presença de um “eu enunciativo do discurso” que se quer e se afirma como negro, que expressa a consciência de um “existir negro”, que reconhece o passado histórico do ancestral africano, que apresenta um olhar vivencial do modo de ver e sentir o mundo, de acordo com os valores da cultura negra. (PESSANHA, 2013, p.302).

Portanto, “a denominação literatura negra, ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensando por nossa sociedade”. (FONSECA, 2006, p.23). Durante essa jornada, surge também a necessidade de reverter às imagens negativas e estereotipadas do termo “negro” reforçada pela história oficial e também pelos textos literários. Já a expressão “literatura afro-brasileira” fala da África valorizando as tradições com a criatividade da literatura. Ela está inserida na literatura brasileira, mas possui seu estilo próprio para se expressar.

A literatura afro-brasileira consolida-se como expressão e reprodução de ideias de uma visão de mundo que identifica a trajetória de vida de africanos escravizados e seus descendentes. As manifestações de preconceito e discriminação estão presentes em todo lugar. Nessas relações, há uma grande importância do reconhecimento da identidade negra. Esse reconhecimento provém da necessidade que um grupo étnico tem de se ver representado na história positivamente. Ter sua história reconhecida representa para o indivíduo pertencente a esse grupo marginalizado, o valor enquanto ser humano. Gomes (p.42) diz que: “Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência”. Segundo Duarte:

Os traços de negritude, negricia ou negrura do texto seriam oriundos do que Conceição Evaristo chama de “escrevi vencia”, ou seja, uma atitude – uma experiência como motivo e motor da produção literária. Assim, quando acrescentado ao texto do escritor negro brasileiro, o suplemento “afro” ganha densidade crítica a partir da existência deste ponto de vista específico – afroidentificado – a conduzir a

abordagem do tema, seja na poesia ou na ficção. Tal perspectiva permite escrever o negro de modo distinto daquele predominante na literatura brasileira canônica. E a configuração dessa diferença passa pelo trabalho com a linguagem, a fim de subverter imagens e sentidos cristalizados. É uma escrita que, de formas distintas, busca dizer-se *negra*, até para afirmar o antes negado. E que, também neste aspecto, revela o projeto de ampliação do público leitor afro-brasileiro. (DUARTE, 2014, p.11).

A partir da década de 1970, os escritores negros buscam a construção de uma literatura comprometida no combate ao racismo e que assegure os valores culturais dessas pessoas excluídas da sociedade, introduzindo discursos afirmativos e humanizadores. A partir dos anos de 1980, a literatura brasileira nega o passado e celebra a brasilidade fundamentada na mestiçagem tendo uma visão distanciada do negro e indígena. Surge então, a busca de afirmação de uma pequena parte dessas minorias perante o poder cultural. Nesse contexto, cresce a produção literária afrodescendente. Como afirma Duarte:

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente crescem em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. (DUARTE, 2014, p.19).

Duarte, alerta para o fato de que a literatura afro-brasileira se trata de um conceito em construção e destaca alguns identificadores que podem distinguir essa literatura, São eles:

**A temática** que favorece o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira denuncia a escravidão e suas consequências, ou glorifica heróis como Zumbi. A temática afro-brasileira abrange as tradições culturais ou religiosas, destacando a riqueza das lendas, mitos e de todo um imaginário restrito quase sempre à oralidade.

**A autoria** seu argumento passa pela importância dada à sintonia entre escritura e experiência, que vários autores fazem questão de destacar como compromisso identitário e comunitário. Vários autores são impulsionados a quererem ser a voz e a consciência da comunidade. Segundo Duarte:

Nesse contexto, recupera-se a tradição africana dos griots. Guardiões do saber ancestral circunscrito à oralidade, bem como dos usos e costumes das nações que deram origem à população afrodescendente no Brasil, os griots são referência para intelectuais militantes como Abdias Nascimento, Solano Trindade, Carlos de Assumpção, Cuti e tantos mais. Por outro lado, a inscrição da experiência marcada por obstáculos de toda ordem tem sido uma constante na produção afrodescendente de diversos países. Traços autobiográficos marcam as páginas de inúmeros autores do passado e do presente, a entrelaçar a ficção e a poesia com o testemunho, numa linha que vem de Cruz e Sousa e Lima Barreto a Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães, entre outros. (Duarte, 2014, p. 33 ):

**Ponto de vista** indica a visão de mundo do próprio autor. É o conjunto de valores predominantes da população afrodescendente, história, cultura, e condições de existência.

**A Linguagem** é um dos fatores que faz parte da diferença cultural do texto literário.

A afro-brasilidade torna-se-a visível também a partir de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. Ou de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. Isto porque, bem sabemos, não há linguagem inocente, nem signo sem ideologia. Termos como *negra*, *negro*, *crioulo* ou *mulata*, para ficarmos nos exemplos mais evidentes, circulam no Brasil carregado de sentidos pejorativos e tornam-se verdadeiros tabus linguísticos no âmbito da “cordialidade” que caracteriza o racismo à brasileira. (DUARTE, 2004, P.38)

**O Público** é o segmento da população que o autor quer atingir por ser marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação da identidade. Favorece os valores, combate os estereótipos e destaca o papel social da literatura na construção da autoestima.

Para Duarte (2014), nenhum desses elementos assegura o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua interação. Isso significa que, isoladamente esses elementos são insuficientes. Ele diz que: muitas pessoas perguntam se a literatura afro-brasileira realmente existe. A cada dia a pesquisa nos mostra a força dessa escrita. “Essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2014, P.19).

### **3 METODOLOGIA**

A proposta do Plano de Ação iniciou-se no mês de agosto, com a sensibilização dos (as) professores (as) durante a reunião pedagógica, com o intuito de responder a obrigatoriedade da aplicação da lei 10.639/03 no cotidiano da escola e divulgação dos livros, que têm a temática das Relações Étnico-Raciais e do Kit de Literatura Afro-Brasileira que faz parte do acervo da biblioteca.

Durante a reunião foi discutido também, sobre as atividades que seriam executadas para a realização da “Semana do Livro Aberto”. Essa semana faz parte do calendário escolar e tem o objetivo de incentivar a leitura e divulgar os trabalhos desenvolvidos pelas turmas relacionados à literatura, com grande participação de professores e estudantes, tendo como foco apresentação de poesias, filmes, contação de histórias, teatro, confecção de cartazes, murais e encontro com escritores. Foi bem explicado para todo o grupo de professores (as), sobre a importância de trabalhar com os livros de Literatura afro-brasileira, dando visibilidade aos personagens negros e valorizando a cultura africana. Durante a reunião com os professores, foi apresentado: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais, além de outros livros que fazem parte do acervo da biblioteca.

Para o desenvolvimento desse trabalho contei com a parceria de algumas professoras do 1º e 2º ciclos que tiveram interesse em trabalhar com os livros de literatura, utilizando o espaço da sala de aula e da biblioteca. Cada professora fez a escolha dos livros de acordo com sua turma. Os livros foram selecionados a partir do tema étnico-racial, tendo a preocupação de romper com os estereótipos e preconceitos raciais explícitos em alguns livros de literatura infanto-juvenil, e que o conteúdo dos livros escolhidos, elevasse a autoestima dos estudantes e contribuísse para a construção de sua identidade racial.

As atividades do plano de ação foram desenvolvidas nos meses de agosto, setembro, outubro, com a culminância em novembro no dia do aniversário da escola.

### 3.1 PROCEDIMENTOS E SUJEITOS ENVOLVIDOS:

Durante o mês de agosto, a professora do 3º ano desenvolveu atividades, com os livros “Meninas Negras” e “Koumba e o Tambor Diambê” da escritora Madu Costa. Os livros foram selecionados, por apresentarem histórias que valorizam a cultura africana, demonstrando uma imagem positiva do negro num contexto infantil, dando destaque às meninas negras e meninos negros da sala de aula. No livro Meninas Negras, as três meninas, aprendem sobre a África com muita alegria na escola. Essa história valoriza o continente africano, os animais, a estética negra, as cores, músicas e danças de origem africana. No livro Koumba e o Tambor Diambê, o protagonista é uma criança negra e com muita alegria toca o seu tambor. Toca a canção que veio da África, toca a música da liberdade e convida todos para quebrar as correntes do preconceito racial. Os estudantes fizeram o relato das histórias, criaram frases, desenhos e cartazes coloridos, para enfeitar o auditório no dia do encontro com a autora dos livros.



FIGURA 1: Cartaz do livro “Koumba e o Tambor Diambê”  
Fonte: acervo pessoal

Com o 5º ano foi trabalhado o livro “Zumbi dos Palmares em Cordel” da escritora Madu Costa. Todas as atividades foram feitas durante o mês de agosto, para receber a autora do livro. Dando continuidade às atividades, outra professora da turma fez um trabalho brilhante sobre os apelidos relacionado ao fenótipo das pessoas. O objetivo era que cada estudante se colocasse no lugar do outro quando fosse chamado com um determinado apelido. Foram feitos vários questionamentos sobre tema. Através de muitas reflexões, eles perceberam a gravidade dos apelidos direcionados às pessoas negras e o impacto causado na vida de cada uma. Os estudantes fizeram um cartaz com o desenho de vários rostos, cada um com suas características. O cartaz recebeu o título da capa de um livro “Apelido não tem cola”. A professora que desenvolveu esse trabalho disse: - O resultado foi excelente. No próximo ano vou repetir o trabalho com outra turma.



FIGURA 2: Cartaz do 5º ano  
Fonte: acervo pessoal

A abordagem da temática étnica racial com os estudantes na biblioteca deu-se através de oficinas durante o recreio, tendo como base a Literatura afro-brasileira, com contação de histórias, poesias, confecção de cartas, murais e cartazes. Com a finalidade de possibilitar a continuidade do projeto “África em Nós” a partir da literatura, divulgando outros livros e dando visibilidade à História da África e de escritores (as) negros (as). Foram trabalhados alguns livros como Histórias da Preta de Heloísa Pires Lima, para que os estudantes saibam

uma História positiva da África e Os Tesouros de Monifa de Sonia Rosa, para o conhecimento da ancestralidade, memória e identidade étnica com estudantes do 1º, 2º e 3º ciclos frequentadores (as) da biblioteca.

A oficina foi iniciada com o livro Histórias da Preta. O livro foi lido em capítulos durante o recreio e as atividades foram desenvolvidas em grupos do dia 11/08/14 a 15/08/14. Preta é a personagem da história. Ela nos mostra o quanto é importante conhecer sobre a nossa origem para a formação de uma identidade positiva. No decorrer da narrativa, reúne várias informações históricas sobre a África, explica que o continente africano é repleto de diferenças culturais e tem várias etnias com suas características e rituais próprias. Isso significa que não existe apenas uma África, mas várias, ricas em histórias e tradições. Durante seu relato, Preta faz vários questionamentos sobre sua origem, sua cor e reflete também sobre a origem do ser humano, chegando à conclusão que os povos descendem de africanos. O livro visa romper com a visão negativa do continente africano, como um continente sem histórias e de extrema pobreza.

A história lida em capítulos despertou muito o interesse dos estudantes. Chegavam à biblioteca com grandes expectativas, querendo saber mais sobre o continente africano. Durante a semana dessa oficina ficou exposto na biblioteca o mapa do continente africano para que todos pudessem conhecer cada país. Com a leitura do livro Histórias da Preta, foi possível mostrar aos estudantes a história, culturas, valores e religião de matriz africana. Durante a leitura do livro foram surgindo questionamentos que enriqueceram o momento prazeroso da oficina na biblioteca. Anotei algumas falas dos (as) participantes das oficinas:

- Eu não conhecia o mapa da África. Jeniffer (aluna do 6ºano);
- Não sabia que tinha tanto países. É bem maior que o Brasil! Pablo (6º ano);
- Essa oficina deveria acontecer sempre. Eliane (professora do 6ºano);
- Então não é verdade quando falamos que todo mundo é igual? Lucas (8ºano);
- Fiquei até com vontade de conhecer a África. Marlon (8ºano);
- Continuo não gostando dos livros de literatura afro-brasileira. Ana Maria (7ºano);
- A biblioteca nunca ficou tão cheia! As oficinas trouxeram novidades. Izabel (6ºano).

Baseado no capítulo: “Diferente de ser igual”. Os estudantes utilizaram revistas e fizeram recorte de imagens de diferentes tipos de pessoas para a confecção de um mural ao lado da biblioteca com estrofes do poema “Igual-Desigual” de Carlos Drummond de Andrade.



FIGURA 3: Mural “ Igual-Desigual”  
Fonte: acervo passoaal

O objetivo desse mural, era que todos pudessem fazer uma reflexão a partir da leitura do poema que deixa explícito que “ninguém é igual a ninguém”, assinalando atitudes de respeito às diferenças étnico-raciais. Foram escolhidos também, trechos do livro para confecção de um cartaz. O objetivo era fazer a divulgação do livro *Histórias da Preta* para outros leitores. O grupo de trabalho escolheu fazer o cartaz apresentando uma narrativa da Preta que fala sobre o griot:

Mas a história mais legal da África é sobre os seus contadores de histórias, que não escrevem nenhuma delas: guardam todas na memória e depois recontam. Eles aprendem essa arte desde pequenos, com os mestres, e acompanham os feitos das famílias, dos reis, aumentando e enriquecendo a história de todos os seus antepassados. Uma história que as pessoas aprendem a conhecer assim: ouvindo histórias. Imagine só o tamanho da memória dos contadores! (Quanto megas deve ter?) Por isso a palavra tem uma dimensão sagrada: é através da fala que o mundo continua a existir no presente. (LIMA, 2005, p. 19).



FIGURA 4: Cartaz de divulgação do livro  
Fonte: acervo pessoal

Do dia 18/08/14 a 22/08/14 a oficina foi realizada com a leitura do livro *Os Tesouros de Monifa*. No livro, a protagonista da história é uma menina brasileira descendente de africanos que recebe um baú que pertenceu à sua tataravó Monifa, no dia de seu aniversário. Percebe-se que no decorrer da história, a avó e a mãe da protagonista, enquanto conversa penteia seus cabelos modificando seu estilo. A tradição dos penteados passa também de geração a geração. Durante a leitura buscou-se explorar bem as imagens que apresenta em cada página um colorido especial, os valores familiares e a preservação da memória dos antepassados. Participantes das oficinas fizeram associação com a própria história, resgataram e valorizaram os fatos ocorridos no cotidiano familiar. A expressão oral foi muito valorizada durante as oficinas. Todos participantes enriqueceram o momento com histórias de suas famílias, compartilharam experiências vivenciadas com as avós e bisavós, cantaram músicas ensinadas por elas e orações feitas antes de dormir. Tudo guardado na memória de cada um. Munanga afirma que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos diariamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se

desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.16)

De acordo com Andrade (2005, p.120): “Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial”. A proposta da oficina foi incentivar a escrita, valorizar a memória e elevar a autoestima dos participantes, possibilitando a reconstrução de sua identidade étnica. A partir do texto do livro que fala sobre as escritas que a tataravó deixou como um tesouro para passar de geração a geração, deixei que os participantes escolhessem os tesouros de sua família. Surgiram então, desenhos, relatos de passeios, bilhetes para a mãe e a avó, receitas de família. Os trabalhos foram expostos em um mural com o título de “Memória / Identidade”. O cartaz para a divulgação do livro “Os Tesouros de Monifa” foi confeccionado por um grupo que escolheu os seguintes trechos:

Quando vi a enorme caixa na cama de minha mãe, fiquei impressionada! Nunca tinha visto uma caixa assim tão antiga. Com cuidado, toquei na caixa e comecei a fazer carinho nela... Entre lágrimas, minha mãe me entregou um envelope amarelado com uma carta dentro e disse: - Leia isto! É o primeiro escrito a ser lido antes de tudo! Quando acabei de ler a carta, meu coração estava disparado!!! Comecei a mexer com medo e cuidado nos guardados da caixa. Li e reli alguns diários... Tinha até versinhos pequeninos... Minha tataravó, ainda por cima, era uma poeta... (ROSA, 2009, p. 14, 19, 22).

Do dia 25/08/14 a 29/08/14 foi apresentado aos participantes da oficina a biografia da autora Carolina Maria de Jesus. O objetivo foi mostrar aos estudantes a contribuição literária que uma escritora negra e brasileira deu ao país a partir de seus livros. Carolina Maria de Jesus é um exemplo de resistência e determinação. Com a paixão pela leitura e escrita relatou as desigualdades sociais e as discriminações sofridas no cotidiano através de seu diário com muita autenticidade. O livro Quarto de Despejo foi a obra mais conhecida, com tiragem inicial de dez mil exemplares esgotados na primeira semana e foi traduzido em 13 idiomas. A biografia de Carolina foi apresentada com texto e enriquecida com os DVDs Heróis de Todo Mundo e o filme Carolina. A partir do texto os participantes das oficinas fizeram um cartaz com a biografia da autora com o objetivo de divulgar a leitura do livro Quarto de Despejo e informando que o ano de 2014 foi marcado pelo cem anos de seu nascimento. Sendo assim, todos destacaram o informativo com o título: **2014 - Centenário de Carolina Maria de Jesus.**



FIGURA 5: Biografia- Carolina Maria de Jesus  
Fonte: acervo pessoal

Durante duas semanas, de 01/09/14 a 12/09/14 foi dado um destaque especial às poesias, a partir de três livros do acervo da biblioteca, foram escolhidos pelos participantes algumas poesias de escritores negros. O objetivo dessa oficina era apresentar aos estudantes alguns escritores negros, que através da poesia, mostraram seus talentos e assumiram uma postura afirmativa de valorização de sua identidade étnico-racial. Foi feito um levantamento das poesias, de acordo com as histórias contadas no início das oficinas, tendo como foco a vivência do cotidiano dos participantes. As poesias foram escolhidas e lidas durante as oficinas, provocando reflexões e debates sobre os temas abordados. Após o trabalho oral, iniciaram-se as ilustrações e colagens para a confecção de um varal de poesias na biblioteca. As poesias trabalhadas nas oficinas foram: Do velho e do jovem de Conceição Evaristo; Petardo de Cristiane Sobral; Integridade de Gení Mariano Guimarães; Papai-Moçambique de Adão Ventura; Viagem à Capital de Adão Ventura; As Cores e A Palavra Negro de Cuti; Nossa Gente de Márcio Barbosa.

Os participantes também pesquisaram fotos e biografias dos (as) escritores<sup>1</sup> (as) negros (as) apresentados durante as oficinas, para que tivessem maior conhecimento da trajetória de cada um (a). São eles (as): Adão Ventura, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Cuti, Gení Mariano Guimarães, Heloisa Lima Pires, Madu Costa, Márcio Barbosa e Sonia Rosa. As poesias trabalhadas, reuni elementos ricos para a preservação da memória e valorização da identidade racial. Todas as atividades das oficinas foram expostas na biblioteca durante a “Semana do Livro Aberto”.

---

<sup>1</sup> Biografia dos (as) escritores (as) no anexo.

## 4 RESULTADOS:

### 4.1 A SEMANA DO LIVRO ABERTO:

A abertura da semana do livro aberto foi no dia 15/09/14 e contou com a agradável presença da escritora Madu Costa. As turmas que tiveram o encontro com a escritora foram o 3º e o 5º ano, que desenvolveram o trabalho com os livros já citados.

Madu Costa conversou durante duas horas com cada turma. Os estudantes selecionaram diversas perguntas para fazer à escritora. Além das perguntas selecionadas, surgiram outras perguntas espontâneas. A entrevista foi muito dinâmica e aconteceu de forma bem natural. A temática das relações étnico racial foi a abordagem principal da escritora. Os encontros proporcionaram discussões sobre a valorização do negro na sociedade, racismo, discriminação e a identidade de cada um. Todos estavam muito atentos e curiosos para saber como é o dia-a-dia da escritora e o processo de escrever e publicar um livro. Ficaram encantados quando Madu contou sobre sua 1º viagem a Moçambique em agosto. De olhos atentos fizeram, também várias perguntas sobre a viagem.

Para o 3º ano, além de responder todas as perguntas, também falou sobre os seus dois livros trabalhados na sala de aula, que foi “Koumba e o Tambor Diambê” e “*Meninas Negras*”. Para o 5º ano, Madu Costa falou sobre o seu livro Zumbi dos Palmares em cordel. Disse qual foi seu objetivo de transformar a história de Zumbi em cordel. Para ela, os estudantes compreendem melhor quando a leitura é agradável e lúdica. Durante sua leitura do cordel, foi envolvendo todos usando vários ritmos como Rapper, funk, samba e forró. Todos participaram da brincadeira com muita animação. Madu mostrou que é possível aprender a história de zumbi, cantando, dançando e radiando muita alegria.

A aproximação com a escritora, fez com que os estudantes se sentissem orgulhosos de seu pertencimento racial e os livros de literatura afro-brasileira passou ter outro significado para eles. A presença da autora deu um toque especial na abertura da “Semana do Livro Aberto”.



FIGURA 6: Escritora Madu Costa  
Fonte: acervo pessoal

Durante a “Semana do Livro Aberto”, a biblioteca fez a **1ª Mostra de Literatura Afro-Brasileira**. Os livros foram expostos para professores, estudantes e comunidade, com o objetivo de dar maior visibilidade ao acervo de literatura afro-brasileira da biblioteca da Escola Municipal Anne Frank.

No dia 20/09/14 foi a culminância da “Semana do Livro Aberto” na qual a comunidade escolar teve a oportunidade de apreciar os trabalhos realizados pelos estudantes. Nesse dia a professora Luíza realizou uma contação de história baseada no livro *Os Comedores de Palavras* e conseguiu envolver todos com muita alegria. A história começou assim:

“Este livro fala de um contador de histórias.  
De um país distante onde as árvores falam...  
De um menino triste...  
E de um tambor encantado...” (PEREIRA, 2004, p.5).

A professora de Português da EJA desenvolveu um trabalho na sala de aula com a leitura do livro Quarto de Despejo. Foram escolhidos alguns trechos escritos por Carolina Maria de Jesus para que todos (as) pudessem de alguma forma identificar-se com a autora. Esse trabalho enriqueceu e estimulou o relato da trajetória da vida de cada um. A turma já havia iniciado a escrita de autobiografias que transformou em um livro. Na Semana do Livro Aberto foi exposto no pátio da escola um cartaz com autorretratos da turma. No final do ano, todos foram presenteados com o livro “Histórias de nossas Vidas: Autobiografias e autorretratos”, livro escrito pela turma.



FIGURA 7: Exposição de Autorretratos – EJA  
Fonte: acervo pessoal

Após a Semana do Livro Aberto a biblioteca disponibilizou mais livros de literatura afro-brasileira e livros sobre relações étnico-raciais para professores (as) continuando o desenvolvimento do plano de ação. Os estudantes continuaram as atividades para as apresentações em novembro no dia do aniversário da escola com apresentações da capoeira e desfile das meninas da Escola Integrada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O desenvolvimento do plano de ação reafirmou a importância do papel do mediador de leitura no espaço da biblioteca. A experiência foi desafiadora e ao mesmo tempo muito gratificante. Apesar do compromisso com a temática das relações étnico - raciais, tendo como foco principal a literatura afro-brasileira, ainda há muito caminho a ser percorrido. As oficinas desenvolvidas na biblioteca deram oportunidades aos (as) estudantes negros (as) e não negros (as) da E.M. Anne Frank de aproximar da literatura afro-brasileira durante algumas semanas com atividades criativas e prazerosas, mas não foi suficiente para romper com a imagem negativa do negro na literatura. Imagens essas que têm muito poder e são usadas como instrumento de dominação e estão fortemente presentes no cotidiano dos estudantes.

Desde os primeiros contatos com os livros, a maioria das crianças recebem livros com personagens com características europeias. Nas imagens e histórias há constante afirmação de um ideal de beleza, bondade e vitórias representadas por personagens brancos. Ao chegar à escola, esse ideal é confirmado durante as aulas, brincadeiras e no contato com a literatura infanto-juvenil. Vale ressaltar que, a escola recebe anualmente livros do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), do FNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e da PBH, mas os livros de literatura afro-brasileira que fazem parte do acervo da biblioteca, ainda não são suficientes para desenvolver um trabalho que atenda todos os (as) estudantes. É visível o número insuficiente de livros de literatura afro-brasileira ao chegar à biblioteca, os estudantes também percebem essa discrepância. Então, fica confirmado o desprezo pelos livros de literatura afro-brasileira, pois eles acham que a leitura desses livros não é interessante e os personagens não são sujeitos de sua própria história. Diante desse problema os livros ficam invisíveis nas estantes. Esse fato contribui também para a rejeição e negação de seu pertencimento racial. Vale ressaltar que vários alunos recusaram participar das oficinas por não gostarem dos livros de literatura afro-brasileira, mas os resultados do plano de ação foram positivos. A Semana do Livro Aberto abriu espaço para a consolidação do trabalho com a literatura afro-brasileira, aproximação dos estudantes e professores (as) com histórias positivas referentes à África e garantiu o desenvolvimento de várias ações dentro da biblioteca.

Dando continuidade aos desafios, destaco a dificuldade que encontrei para trabalhar essa temática com alguns professores, não sei se é por falta de conhecimento ou interesse.

Muitos não percebem que pequenas ações no cotidiano, podem fazer a diferença na vida dos estudantes negros e criar possibilidades de que eles possam ter referências positivas de identificação dentro e fora da escola. É necessária também uma atuação mais efetiva pela gestão da escola no sentido de promover discussões, debates seminários, para viabilizar e incluir no currículo da escola e tornar efetivo o trabalho coletivo com a temática das relações étnico-raciais envolvendo toda comunidade escolar. Sendo assim, a biblioteca tem uma grande responsabilidade de criar possibilidades para que o trabalho com a literatura afro-brasileira possa desmistificar as representações preconceituosas e estereotipadas nos livros de literatura infanto-juvenil.

## 6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ANDRADE, Inaldete Pinheiro. Construindo a Autoestima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.204p.

BRANDÃO, Ana Paula (Coord.). **Saberes e Fazeres** v.3. Modo de interagir. Rio de Janeiro. Fundação Roberto Marinho, 2006.152P. (A Cor da Cultura).

COSTA, Madu. **Koumba e o Tambor Diambê**. Belo Horizonte: Mazza Edições,2006.

\_\_\_\_\_ **Meninas Negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006. Tempos de Luta

\_\_\_\_\_ **Zumbi dos Palmares**. Belo Horizonte: Mazza Edições,2013.

Cuti. **Negroesia** (Antologia Poética). Belo Horizonte: Mazza Edições,2007.

Escola Municipal Anne Frank, Projeto Político Pedagógico. BH. 2008,121p.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de Literatura Afro-Brasileira. **Literatura Afro-Brasileira: 100 autores do século XVII ao XX**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

\_\_\_\_\_ **Literatura afro-brasileira: Abordagens na sala de aula**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FELISBERTO, Fernanda. A África na sala de aula: Recuperando a identidade Afro-Brasileira na história e na literatura. In: GOMES, Nilma Lino (Org.), **Tempos de luta: as ações afirmativas no contexto brasileiro**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, 2006. 119p.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura Negra, Literatura afro-brasileira: Como responder à polêmica? In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2005.

\_\_\_\_\_ Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: um breve discurso. **Educação antirracista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação, 2005. 236p.**

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2007.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da Preta**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

\_\_\_\_\_ Personagens Negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.), **Superando o Racismo na Escola**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.

MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2º edição revisada. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

PEREIRA, Edimilson de Almeida, ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Os Comedores de Palavras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus. **O Negro na Literatura**. In: OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). Cadernos Penesb – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira – FEUFF (n. 12) (2013) Rio de Janeiro/Niterói – Ed. Alternativa/EdUFF/ 2013

ROSA, Sonia. **Os Tesouros de Monifa**. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

SANTOS, Luiz Carlos dos. (Org.). **Antologia da poesia negra brasileira: O negro em versos**. 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2005 – (Lendo & relendo)

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação do livro didático. In: Munanga, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

VENTURA, Adão. **Costura de Nuvens**. Sabará: Dubolsinho, 2006

## 7 ANEXO



Entrada da Biblioteca



Expositor de livros



Acervo da Biblioteca

## POESIAS TRABALHADAS NAS OFICINAS:

### **IGUAL-DESIGUAL**

Todas as guerras do mundo são iguais.

Todas as fomes são iguais.

Todos os amores são iguais, iguais iguais.

Iguais são todos os rompimentos.

A morte é igualíssima.

Todas as criações da natureza são iguais.

Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes,

São iguais.

Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou

Coisa.

Ninguém é igual a ninguém

Todo ser humano é um estranho

Impar.

**Carlos Drummond de Andrade**

## **DO VELHO E DO JOVEM**

Na face do velho

as rugas são letras,

palavras escritas na carne,

abecedário do viver.

Na face do jovem

o frescor da pele,

e o brilho dos olhos

são dúvidas.

Nas mãos entrelaçadas

de ambos,

o velho tempo

funde-se ao novo,

e as falas silenciadas

explodem.

O que os livros escondem,

as palavras ditas libertam.

E não há quem ponha

Um ponto final na história

Infinitas são as personagens:

Vovó Kalinda, Tia Mambene,  
Primo Sendô, Ya Tapuli,  
Menina Meká, Menino Kambi,  
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,  
Piter do Estácio, Cris de Acari,  
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra,  
E também de Santana e de Belô  
e mais e mais, outros e outros...  
Nos olhos do jovem  
também o brilho de muitas histórias.  
E não há quem ponha  
um ponto final no rap  
é preciso eternizar as palavras  
da liberdade ainda e agora...

**Conceição Evaristo**

## **PETARDO**

Escrevi aquela estória escura sim.

Soltei meu grito crioulo sem medo

pra você saber:

Faço questão de ser negra nessa cidade descolorida,

doa a quem doer.

Faço questão de empinar meu cabelo cheio de

poder.

Encresperei sempre,

Em meio a esta noite embriagada de trejeitos

brancos e fúteis.

Escrevi aquele conto negro bem sóbria,

pra você perceber de ima vez por todas

que entre a minha pele e o papel que embrulha

os seus cadernos,

não há comparação parda cabível,

há um oceano,

O mesmo mar cemitério que abriga os meus

antepassados assassinados,

por essa mesma escravidão que ainda nos

oprime.

Escrevi

Escrevo

Escreverei

Com letras garrafais vermelho-vivo,

Pra você lembrar que jorrou muito sangue.

**Cristiane Sobral**

## **INTEGRIDADE**

Ser negra

Na integridade

Calma e morna dos dias

Ser negra

De carapinhas,

De dorso brilhante,

De pés soltos nos caminhos.

Ser negra,

De negras mãos,

De negras mamas,

De negra alma.

Ser negra,

Nos traços,

Nos passos,

Na sensibilidade negra.

Ser negra,

Do verso e reverso,

De verdades e mentiras,

Como todos os seres que habitam a terra.

Negra

Puro afro sangue negro,

Saindo aos jorros,

Por todos os poros

**Geni Mariano Guimarães**

## **PAPAI-MOÇAMBIQUE**

Papai-moçambique

- viola e sapateio

- desafio de versos

Fogosos.

Papai-moçambique

Senta o pé na fogueira

&

De um salto  
Para o olho  
No ar  
Banzando saudades  
D'outras Áfricas

**Adão Ventura**

### **VIAGEM À CAPITAL**

Eu, menino  
enfatiotado,  
roupa domingueira,  
botina nova  
vindo do Serro  
e, puxado por minha mãe,  
Sebastiana de José  
de Teodoro,  
Desço da jardineira  
e entro no Bar  
e Restaurante Chapéu de Sol.  
  
- O Véu da Noiva  
foi meu primeiro encantamento.

**Adão Ventura**

## **AS CORES**

Foi um escândalo

Quando o preto entrou no arco-íris

O branco

Exaltou as diferenças

Ao que o vermelho se irritou

E o amarelo disse:

- Não tenho nada com isso.

O verde vindo de outro planeta

Ficou

Sem entender o assunto

**Cuti**

## **A PALAVRA NEGRO**

A palavra negro

Tem sua história e segredo

Veias do São Francisco

Prantos do Amazonas

E um mistério atlântico

A palavra negra

Tem grito de estrelas ao longe

Sons sob as retinas

De tambores que embalam as meninas

Dos olhos

A palavra negro

Tem chaga tem chega!

Tem ondas fortes suaves nas praias do apego

Nas praias do aconchego

A palavra negra

Que muitos não gostam

Tem gosto de sol que nasce

A palavra negro

Tem sua história e segredo

Sagrado desejo dos doces voos da vida

O trágico entrelaçado

E a mágica d'alegria

**Cuti**

## **NOSSA GENTE**

nossa gente também veio

pra ser feliz e ter sorte

nossa gente é quente

é bela e forte

mas às vezes essa gente

passa inconsciente

sofre, mas não se mexe

ri, mas não se gosta

nossa gente inconsciente

sofrendo fica fraca

nem vê que por dentro ainda

traz a força da mãe África

não vê que pode vencer

pois tem energia nos braços

e pode ter liberdade

alegria e espaço

superando a pobreza

socializando a riqueza

inventando unidade

solidariedade, abraços

nosso povo é lindo

nosso povo é afro

e perfeito vai destruindo

ódios e preconceitos

“esse povo negro

Que se diz moreno”

Com suas cores, com seu jeito

É um povo pleno

Nossa gente é ventania

É ousadia, é mar cheio

Nossa gente também veio

Pra ser feliz e ter sorte

**Márcio Barbosa**

## **BIOGRAFIA DOS ESCRITORES NEGROS:**

### **ADÃO VENTURA**

Adão Ventura nasceu em Santo Antônio do Itambé, distrito do Serro. Os primeiros anos foram vividos praticamente no mato, em péssimas condições. Com muito esforço, conseguiu estudar e, mudando para Belo Horizonte, formou-se em Direito, pela UFMG. Depois de formado, e de exercer várias atividades, mudou-se para Brasília, onde presidiu a Fundação Palmares, entidade governamental dedicada à cultura negra.

Em 1973 esteve nos Estados Unidos, lecionando literatura brasileira na Universidade do Novo México e participando do famoso International Writing Program, da Universidade de Iowa, destinado ao intercâmbio entre escritores jovens. Obteve vários prêmios com sua poesia e tem poemas traduzidos para diversas línguas, entre elas inglês, espanhol, alemão e húngaro. Adão morreu em junho de 2004, quando preparava a edição de suas obras completas, reunindo todos os livros publicados e dezenas de poemas inédita.

### **CAROLINA MARIA DE JESUS**

Nascida em Sacramento, interior de Minas Gerais, em 14 de março de 1914, Carolina veio de uma família de oito irmãos, extremamente pobre. Cedo teve de trabalhar e cursou apenas até o segundo ano primário.

Na década de 1930, Carolina encontrou uma caderneta. Transformou-a em diário e passou a registrar seu cotidiano de favela. Em 1960, descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, repórter da *Folha da Noite*, suas anotações foram transformadas no livro *Quarto de Despejo*, que vendeu mais de 100 mil exemplares. Carolina foi uma das duas únicas brasileiras incluídas na antologia de escritoras negras, publicada em 1980 pela Random house, em Nova York. *O Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis*, publicado em Lisboa por Lello & Irmão, também dedica a ela um verbete, faleceu em 1977.

## **CONCEIÇÃO EVARISTO**

Nasceu em Belo Horizonte, MG, em 1946, e desde 1973 reside no Rio de Janeiro. Formada em Português e Literatura pela UFRJ, é mestre em Literatura Brasileira pela PUC/RJ e doutora em Literatura Comparada na UFF. Entre 1996 e 2000, Conceição esteve como palestrante nas cidades de Viena e de Salzburg, na Áustria, em Mayaguez, Porto Rico, e em Nova York, nos EUA, falando sobre literatura afro-brasileira. Poetisa, contista, romancista e ensaísta, Conceição Evaristo, além de participar de atividades acadêmicas, tem marcado sua presença nos movimentos sociais, notadamente nos que se relacionam com a luta dos afrodescendentes. Seus primeiros trabalhos surgem em 1990 na coletânea *Cadernos Negros*, do Grupo Quilombhoje, de São Paulo.

## **CRISTIANE SOBRAL**

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1974, e reside em Brasília desde 1990. Como escrito, possui poemas e contos publicados na antologia *Cadernos Negros* edições 23,24 e 25. Em 1998, graduou-se como a primeira atriz negra habilitada em interpretação Teatral pela Universidade de Brasília.

## **CUTI**

Cuti é pseudônimo de **Luiz Silva**. Nasceu em Ourinhos-SP, a 31-10-51. Formou-se em Letras(Português-Francês) na Universidade de São Paulo, em 1980. Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos da Linguagem(Unicamp-1999/2005). Foi um dos fundadores e membro do Quilombhoje-Literatura, de 1983 a1994, e um dos criadores e mantenedores da série *Cadernos Negros*, de 1978<sup>a</sup> 1993.

## **GENI MARIANO GUIMARÃES**

Nasceu em São Manuel, interior de São Paulo, em 1947. É professora e jornalista. Em 1979, lança seu primeiro livro de poemas, “Terceiro filho”, 1979. No início dos anos 80, aproxima-se do grupo Quilombhoje. Em 1981, publica dois contos no número 4 de cadernos Negros, assim como seu segundo livro de poesia “Da flor o afeto, da pedra o protesto”, fortemente marcado pelos tons de protesto e afirmação identitária.

## **HELOISA PIRES LIMA**

Nasceu em Porto Alegre. Aos 9 anos mudou-se para São Paulo. É escritora, educadora e antropóloga. Heloisa Pires Lima afirma sempre que sua aproximação com a literatura se deu quando constatou a ausência ou inadequação de personagens negras no universo das letras, seja na poesia ou na ficção. Esse fato colaborou para que sua obra se dedique em grande parte, à construção da identidade das crianças e adolescentes afrodescendentes, já que uma temática recorrente em seus livros é a retomada e a valorização da cultura negra.

## **MÁRCIO BARBOSA**

Nasceu em 1959, em São Paulo. É um dos coordenadores do Quilombhoje Literatura. A poesia tem força e significação para Márcio, que também é pesquisador. Teve um dos seus textos publicados na antologia Os cem melhores contos brasileiros do século. Além de publicações continuadas nos *Cadernos Negros*, é autor do livro Semeando-poesia, de 1983.

## **MADU COSTA**

Maria do Carmo Ferreira da Costa é mineira de Belo Horizonte. Nasceu e sempre viveu nesta cidade, mas adora buscar o além-montanhas, imaginando outros mundos, outras possibilidades. Madu costa, como é conhecida no meio artístico, é contadora de histórias, professora e gosta de escrever para crianças. Madu acredita que por meio da leitura, pode-se mudar o mundo, por isso continua lendo e escrevendo em prosa e versos. Escrever histórias na temática étnico-racial é um prazer muito grande, já que a autora tem no sangue e na pele muitas experiências de ser negra.

## **SONIA ROSA**

Nasceu no Rio de Janeiro. É professora, Pedagoga e especialista em história e culturas africanas, Sonia Rosa figura dentre as mais produtivas escritoras infanto-juvenis contemporâneas, com dezenas de livros publicados. Somente na coleção Lembranças africanas, destinada a leitores recém-alfabetizados, são cinco títulos: Capoeira, Maracatu, Jongo, Feijoada e O tabuleiro da baiana, todos ricamente ilustrados e marcados por uma linguagem cheia de poesia e destinada a encantar e despertar a curiosidade das crianças para o nosso passado e para as muitas contribuições afrodescendentes à nossa vida cultural.